

SALA DE LEITURA: FORMANDO PEQUENOS LEITORES (relato de uma experiência que deu certo)

Renata Junqueira de SOUZA¹

RESUMO: A biblioteca da UNESP de Presidente Prudente atende crianças e adolescentes.

Percebeu-se que poderíamos fazer algo específico para a formação do leitor mirim e resolveu-se montar uma **sala de leitura**, com dois objetivos específicos:

1. Oferecer às crianças um contato diferente e prazeroso com o livro infantil;
2. Proporcionar ao futuros pedagogos, alunos do curso de Pedagogia da UNESP, oportunidade de conhecer a literatura infantil e diferentes maneiras de trabalhá-la em sala de aula, para formar o pequeno leitor.

Uma sala com almofadas e livros infantis foi montada, os alunos tiveram acesso a literatura infantil, e aprenderam diferentes técnicas de se contar uma história.

Criamos, então, "**A Hora do conto**" que atende crianças da creche da Universidade e crianças de Presidente Prudente e região, além de transportar as crianças ao mundo da fantasia do livro infantil; a criança e o aluno de Pedagogia têm contato com a oralidade do texto, resgatando as origens do ato de contar histórias. As crianças ainda têm oportunidade de desenvolver o senso crítico e a imaginação quando convidadas a interpretar a história contada com exercícios que envolvem arte-educação e interdisciplinariedade. Atividades que as crianças fazem brincando, enfatizam o aspecto positivo desse tipo de trabalho, que além de aproximar a criança do livro, a desperta para a leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura Infantil; Contadores de Histórias; Tradição Oral.

1. A idéia

O projeto "Sala de Leitura" surgiu há um ano, como forma de extensão dos trabalhos desenvolvidos no curso de Pedagogia da FCT - UNESP, nas disciplinas: Projetos de atividades para as séries iniciais do 1º grau, Elaboração e execução de projetos, Planejamento, desenvolvimento e avaliação de currículo na escola de 1º grau, hoje ainda, Literatura infantil e Metodologia da comunicação e expressão.

As professoras dessas disciplinas entendiam que seus alunos não deveriam estabelecer uma relação dicotômica entre a "teoria que se aprende na universidade" e a "prática da escola de 1º grau", nem tampouco acreditavam na possibilidade de contato com a "realidade da escola pública" apenas através de estágios de observação.

Por estas razões decidiram, então, criar o projeto "Brincando e Aprendendo na UNESP", onde alunos do curso de Pedagogia estariam, a partir das discussões de sala de aula e de orientações sistemáticas, elaborando e desenvolvendo projetos destinados à crianças em idade

escolar (1ª a 4ª séries) e pré-escolar (4 a 6 anos) sobre conteúdos curriculares das séries iniciais ou sobre temas abordados em livros infantis que gerassem boas discussões e variadas interpretações.

A repercussão do Projeto em jornais, rádios e televisão e nas escolas garantiu a participação maciça das crianças e suscitou uma nova demanda: professores das séries iniciais e alunos do magistério reivindicaram a participação no evento, mesmo cientes de que as atividades programadas eram destinadas às crianças.

Na avaliação desta iniciativa, a relevância da articulação permanente entre ensino, pesquisa e extensão foi reafirmada de diversas formas:

1. entre as crianças em todas as oficinas oferecidas, a manifestação foi amplamente favorável. As crianças reivindicaram a continuidade do projeto com afirmações do tipo: "se continuar eu nem vou na piscina"; "minha mãe queria me levar na minha avó, mas eu não quis", etc. Além disso, afirmaram ter aprendido muitas coisas novas ou entendido outras que já haviam estudado na escola.

¹ Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

2. entre professores de séries iniciais e com alunos da Habilitação Específica do Magistério (HEM): através da demanda por cursos que os preparem para o trabalho que já desenvolvem ou que irão desenvolver em sala de aula.

3. entre alunos e professores:

a) que identificam neste processo a possibilidade de problematização e, por conseguinte, de desenvolvimento de projetos de pesquisa voltados para a compreensão e atuação na realidade educacional.

b) que concebem a profissionalização como um processo que deve ser iniciado na graduação e não apenas após a inserção no mercado de trabalho, de maneira que se garanta o espaço de discussão e acolhimento das inseguranças, das dificuldades advindas do enfrentamento de situações novas.

c) que compreendem o ensino e a aprendizagem como um processo de significação para os sujeitos em que estão envolvidos como um ser total, com afetividade e inseridos em uma realidade social, e não apenas um conjunto de processos cognitivos.

Dando continuidade à reflexão sobre as questões acima e suas disciplinas, as professoras juntamente com outros colegas, criaram o Projeto Integrado "Arte e Educação", onde os alunos de Pedagogia terão a oportunidade de ministrar aulas na HEM e orientar os seus alunos para que estes também participem, na condição de professores, do Brincando e Aprendendo na UNESP - anoll.

Além disso, as professoras idealizaram um outro projeto - "Sala de Leitura" - espaço destinado:

a) à atuação dos alunos de Pedagogia, futuros professores, enquanto "contadores de histórias", "incentivadores do gosto pela leitura", "formadores de leitores", "formadores de produtores de textos" e "pesquisadores na área de leitura";

b) às crianças e escolas que se interessem pela "Hora do Conto";

c) aos professores de 1ª a 4ª séries, através de acervo de livros infantis, teorias sobre literatura infantil, guias de leitura, orientações e cursos que os preparem para o trabalho com leitura, produção de texto e formação do leitor mirim na escola.

O trabalho dos alunos de Pedagogia, orientados pela professora na disciplina, Literatura infantil, enfatiza a literatura oral, que através dos "contadores de histórias" e da "Hora do Conto", valoriza a linguagem

que a criança traz à escola e, sem excluir esta prática, está apresentando a esta criança outras linguagens, inclusive, a linguagem padrão.

A literatura infantil é apresentada como elemento essencial na "Hora do Conto". Um livro, previamente escolhido de acordo com os interesses de leitura das crianças em relação ao sexo, à faixa etária, é contado. As técnicas para esta atividade, podem ser variadas: história contada, com gravuras, com fantoches ou bonecos, dramatizada, etc., o objetivo é único: despertar o prazer pela leitura, para então sedimentar o gosto, e formar o leitor.

Os professores das séries iniciais podem utilizar o acervo de literatura infantil, de teorias sobre literatura infantil e leitura além de consultar os guias de leitura. A "Sala de Leitura" oferece ainda, cursos e orientações para o trabalho do professor com o livro em sala de aula. Estas orientações visam preparar o professor para a formação do leitor, para seu trabalho com construção e produção de textos e para sua total interação com o aluno e "dos alunos entre si, para que cada um possa integrar-se no processo dialógico que é a linguagem".

No desenvolvimento desse trabalho exploraremos a "Hora do conto" destinada as crianças de 03 a 12 anos.

2. A execução

A biblioteca da FCT - UNESP/ Pres. Prudente, além de seus alunos e professores, atende crianças e jovens que a procuram para a realização de atividades escolares. Segundo os responsáveis pelo atendimento ao público, estes últimos chegam à biblioteca sem clareza de suas necessidades de pesquisa, sem referencial bibliográfico e sem o menor conhecimento do funcionamento da biblioteca. Além disso, não há registro de procura que não esteja vinculada a exigências que remetem crianças e jovens à utilização dos livros apenas enquanto instrumento de consulta.

Se por um lado temos esta realidade que bate à nossa porta todos os dias, sabemos, através de pesquisas realizadas e/ou contato direto, que professores de 1º grau enfrentam uma situação não menos grave. Muitos se queixam de dificuldade de acesso à literatura infantil, em virtude da desestruturação da biblioteca municipal e do reduzido (quando não, inexistente) acervo da escola e da falta de formação específica sobre leitura, interesses infantis, indicações adequadas para as idades com as quais

trabalham, etc. Soma-se a isso o fato de que muitos deles não gostam, não têm tempo, nem o hábito de ler.

Muitos desconhecem que o ato de ler, compreendido em seu sentido mais amplo de produção de significados, abarca as possibilidades de utilização de diversas linguagens.

Considerando que o gosto pela leitura se constrói através de um longo processo onde sujeitos desejam encontrar nela uma possibilidade de interlocução com o mundo, espera-se que o professor seja um agente fundamental na mediação entre alunos e material, um impulsionador e guia no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida.

Para que isso se concretize, é necessário que o próprio professor se veja enquanto um sujeito-leitor, um sujeito que se sinta desafiado diante dos "objetos de leitura", diante das diferentes linguagens. Entretanto, o quadro que se configura traduz uma situação que demanda atitudes urgentes: por um lado, professores cada vez mais ameaçados em sua condição de sujeitos-leitores e de mediadores qualificados para o ensino de leitura; por outro, alunos que percebem a biblioteca como um ambiente estranho - muitas vezes ameaçador - e vivem a possibilidade de leitura em sua dimensão mais restrita.

Entendemos leitura como um dos caminhos de inserção no mundo e de satisfação de necessidades amplas do ser humano (estéticas, afetivas, culturais, além das intelectuais), assim, o projeto "Sala de Leitura" foi montado na biblioteca com a intenção de superar problemas como a concepção de espaço na biblioteca, sempre divulgado como lugar de pesquisa e silêncio; a visão utilitarista das linguagens - onde é privilegiado apenas seu domínio técnico - no sentido da compreensão de que estas constituem produções humanas e, como tal, são passíveis de manipulação, construção, desconstrução e reconstrução.

3. O antes

Os alunos do curso de Pedagogia, em sala de aula, pesquisam as várias definições de leitura, a importância de ouvir histórias, a origem dos contos maravilhosos, as fases de leitura e diferentes técnicas que podem ser utilizadas na "Hora do Conto", para então escolherem uma história, analisá-la, e contá-la às crianças na sala de leitura.

É necessário entender, mesmo que resumidamente, alguns pontos discutidos

com estes alunos em sala de aula.

Ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor. É ainda *"suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida, é encontrar outras idéias para solucionar questões. É a cada vez ir se identificando com outra personagem (...) e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas..."* (Abramovich, 1989, p. 17) Indo além, diria que ouvir histórias é viver, viver emoções diferentes como alegria, tristeza, medo, insegurança, tranquilidade. É ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

É através de uma história que as crianças podem descobrir outros lugares, outros tempos, ficar sabendo de Geografia, Filosofia, Política. E o que é mais interessante, tudo isso aprendido com prazer. Mas, para que isso aconteça dessa maneira, é necessário saber contar a história, além de saber escolhê-la.

Assim, ouvir histórias é importante como fonte de prazer, além de contribuir para o desenvolvimento da criança. Todavia, o narrador não deve contar qualquer história. Alguns detalhes como a faixa etária, o sexo, a série escolar e a classe social das crianças, que ouvirão as histórias, podem ajudar na escolha.

As histórias escritas nos livros nem sempre adaptam-se ao ouvinte, às vezes, é necessária uma reformulação verbal que facilite sua compreensão e possibilite maior interesse. Segundo Betty Coelho (1985), o narrador deve escolher pela qualidade literária e a linguagem deve ser simples. Já a ensaísta cubana Alga Mariña Elizagaray diz que o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração.

Mas que história contar? E como contar? Ao escolher a história a ser contada é preciso que o contador tenha conhecimento dos interesses de seus ouvintes. Vários autores, como o pesquisador austríaco Richard Bamberger, a gaúcha Vera Aguiar, ou mesmo a contadora baiana Betty Coelho, discorrem sobre os interesses de leitura e, consqüentemente, de literatura oral de acordo com a faixa etária da criança. Sabendo isso, já facilita bastante a escolha da história a ser contada. Vejamos:

Na fase, chamada por Betty Coelho (1985), de pré mágica, a criança tem até 3 anos. É a fase que incorpora os pré-escolares. O enredo aqui deve ser simples, vivo e atraente, contendo situações próximas da criança para que a mesma possa viver o

lugar narrado. A fase mágica, para crianças de 3 a 6 anos é uma fase onde os pequenos querem ouvir a mesma história várias vezes, tudo é novidade. O texto preferido é de enredo reduzido, expressões repetidas - depois histórias de animais - linguagem mais evolutiva, que exige enredos mais longos e com variedade nos assuntos.

A fase denominada escolar, inclui crianças das séries iniciais, dos 7 aos 10 anos. Nessa fase, as crianças preferem histórias de encantamento. Logo depois, as histórias com príncipes, fadas, palácios e castelos; enredo melhor elaborado e mais longo são bem-vindos. As lendas e fábulas também são bem aceitas, pois a criança nessa idade já tem seu senso crítico em processo de formação.

Feita a escolha da história é necessário estudá-la e não decorá-la para a hora do conto. Segundo Betty (1985), o narrador deve contar a história e não apresentar conclusões, pois essas pertencem aos ouvintes. O estudo da história permite buscar possibilidades de exploração oral, para familiarizar o ouvinte com a história contada e seu contexto.

Em **Contar histórias, uma arte sem idade**, Betty Coelho afirma que, estudar a história é poder também selecionar a melhor forma ou recurso de apresentá-la. As formas expostas pela autora em seu livro são as seguintes:

Simples narrativa: antiga e fascinante, expressa formas tradicionais e autênticas do contador. Não requer acessório, apenas a voz do narrador e sua expressão corporal.

Com auxílio do livro: alguns textos exigem o livro, pois as ilustrações os complementa. A utilização do livro incentiva o gosto pela leitura e contribui para a seqüência lógica do pensamento.

Com gravuras: as gravuras podem ser reproduzidas em cartolina, quando o narrador for contar uma história de livro pequeno, mas os elementos essenciais da história devem permanecer nessas ilustrações.

Com flanelógrafo: a utilização do flanelógrafo é recomendada em histórias onde o personagem principal sai e entra de cena a todo momento.

Com desenhos: os desenhos podem ser feitos no quadro negro ou em papel de metro, aguçando a curiosidade das crianças. A história pode ser narrada com o desenho a cada cena e os ouvintes podem ser convidados a desenhar suas idéias.

Com interferência do narrador e dos ouvintes: um exemplo dessa técnica é a

estratégia utilizada por Dona Benta ao contar histórias ao pessoal do Sítio do Pica-pau Amarelo. A interferência constitui uma participação ativa dos ouvintes, pela voz ou gestos. A interferência resulta da criatividade do narrador, que a incorpora ao texto para tornar a narrativa mais atraente.

Cada apresentação tem vantagens especiais e saber escolher o recurso é fundamental. As formas de apresentação devem ser alteradas e definidas dependendo do local e da circunstância.

Depois deste aprendizado, o aluno do curso de Pedagogia escolhe um livro de literatura infantil, uma história, a melhor técnica para contar essa história, elabora a discussão do conto para as crianças e maneiras de livre interpretação da história que podem incluir atividades artísticas, música, além de preparar a "Hora do conto".

4. O durante

A "Hora do conto" acontece na sala de leitura, na biblioteca da Universidade, e tem duas horas de duração. Para que possamos ter uma idéia geral do que acontece, escolhi apresentar-lhes uma história contada por uma das alunas do curso de Pedagogia, com orientação da professora de Literatura infantil e todo seu desenvolvimento.

A história escolhida é **O aniversário** de Mary e Eliardo França (1992), contada para crianças da pré-escola, 6 anos. O texto conta como os Pingos, pequenos ratinhos, comemoraram o aniversário da amiga árvore. Os Pingos são sete, cada um de cor e nome diferentes. No aniversário da árvore eles chamam as joaninhas, os tico-ticos e as abelhas para ajudar. Cada um faz sua parte e preparam uma bela festa, porque querem deixar a árvore bem contente. No dia seguinte...a árvore agradece, do jeito dela, florindo.

O trabalho proposto pela aluna para a "Hora do conto" foi contar a história **O aniversário**, num primeiro momento apresentando os sete personagens, os Pingos, explorando suas cores, a quantidade, para depois contar a história através do teatro de fantoches e sem interferências; para em seguida, a história ser contada novamente com o livro, mostrando cada página para as crianças acompanharem a história e as ilustrações; dessa vez permitindo interferência das crianças e respondendo suas perguntas.

Em seguida, a sala é dividida em grupos para reproduzirem a história. Cada grupo tem uma tarefa na organização da

festa para a árvore. Um grupo ficará com a função das joaninhas, encarregadas da limpeza da árvore, pegarão espanadores, paninhos, vassouras e limparão uma árvore de isopor e papel, fixada na sala de leitura, limpando também o local. O outro grupo irá representar os tico-ticos: auxiliarão na decoração da árvore, esse grupo pintará folhas, flores, corações e estrelas que colarão na árvore para que ela fique bonita. O grupo das abelhas ficará responsável pela organização e distribuição do bolo de aniversário. Um último grupo ficará com a função de cantar uma música para a árvore. Neste momento, as crianças se sentam e elaboram uma música. A sugestão é montar a letra em cima de um ritmo já conhecido.

Depois de tudo pronto para a festa da árvore, todas as crianças dos grupos se reúnem e cada uma irá elaborar e confeccionar um convite de aniversário, para um dos pingos. Assim, trabalharão a linguagem escrita de forma prazerosa, escrevendo, pintando e recortando o convite.

Feito isso, as crianças comemorarão o aniversário da árvore, comerão o bolo e conversarão sobre a história com a contadora: o que a história sugere, o que se pode extrair dela, ressaltando a importância da amizade entre os personagens da história e, conseqüentemente, na vida das crianças, enfatizando a importância do trabalho em grupo, bem como, da divisão do trabalho para que a festa seja possível.

Finalmente, as crianças confeccionarão, com ajuda da contadora, um dos personagens da história contada, o Pingo. Com uma bexiga e papel colorido, as crianças recortarão orelhas, pernas, olhos, braços e pintas e montarão o simpático ratinho, que levarão para casa.

Todas estas atividades: a pintura, a divisão de tarefas, a confecção do convite, a organização da festa, a discussão da história e a confecção dos pingos, estarão contribuindo para a formação de uma criança criativa, companheira, altruísta, crítica, imaginativa e provavelmente leitora. Pois, assim, a leitura é apresentada de forma prazerosa e a criança se remeterá ao livro após as atividades concluídas.

5. O depois (ou os resultados)

O projeto "Sala de Leitura" tem desenvolvido atividades que, apesar de suas

especificidades, convergem para ações voltadas diretamente a alunos e professores das séries iniciais do 1º grau. Estamos conseguindo, através desse projeto, formar o leitor autônomo (alunos e professores das séries iniciais do 1º grau), através do estímulo à sensibilidade, criatividade e criticidade e da formação do gosto pela leitura, contribuindo para a construção de uma cidadania plena.

É através de experiências de leitura que proporcionamos o acesso de alunos das séries iniciais a novas tecnologias, variadas linguagens, e novas experiências com textos; além disso as crianças expandem as formas de interpretação desses textos escritos para diferentes campos de linguagem (teatro, artes plásticas, música, cinema, etc.).

Um acervo diversificado de livros infantis e de material didático-pedagógico para alunos e professores foi organizado, gerando conhecimentos e beneficiando seu usuário.

A biblioteca está sendo cultivada como novo espaço, através da Sala de Leitura, lugar onde a prática da leitura já não está restrita à pesquisas e consultas, mas sim, voltada para a satisfação de necessidades mais amplas do ser humano (culturais, afetivas, estéticas, etc.).

O trabalho de estímulo ao uso da literatura infantil como elemento essencial para a formação do "leitor mirim"; bem como, o trabalho com a oralidade no texto literário, aproveitando o universo infantil para as várias possibilidades de leitura, tem sido pensado por vários sujeitos, desde o docente da disciplina Literatura infantil, o professor já atuante, até nosso aluno de Pedagogia, futuro educador.

Além disto, o aluno de Pedagogia tem, no curso, a possibilidade de colocar em prática teorias vistas durante o curso, além de poder se exercitar como contador de histórias e criar metodologias para a formação do gosto pela leitura em sala de aula.

E ainda, mais importante, é que o acesso de professores atuantes, futuros professores e crianças à Sala de Leitura, permite disseminar e multiplicar as metodologias para formação do leitor, pois *quem conta um conto... aumenta um ponto.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. O conto de fada. São Paulo: Ática, 1985.
- DARTON, Robert. O grande massacre dos gatos. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FRANÇA, Mary, FRANÇA, Eliardo. O aniversário. São Paulo: Ática, 1992. (Col. Os Pingos)
- GÓES, Lúcia Pimentel. Olhar de descoberta. São Paulo: Mercuryo, 1996.
- MENÉRES, Maria Alberta. O que é imaginação. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.
- SIMONSEN, Michéle. O conto popular. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZILBERMAN, Regina et al. Literatura infantil e emancipação. São Paulo: Ática, 1987.